

“Mulher joga filho na lixeira”: mulher-mãe infanticida na mídia

Kátia Alexsandra dos Santos,^{1,★} Leda Verdiani Tfouni^{II}

^I Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, PR, Brasil

^{II} Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil

Resumo

Este trabalho parte de uma inquietação acerca dos dizeres que vêm se constituindo na mídia sobre a mulher em seu papel de mãe em nossa sociedade. Trabalhando na articulação entre a Análise do Discurso e a psicanálise lacaniana, nosso corpus de pesquisa constituiu-se de manchetes de notícias sobre abandono e infanticídio, divulgadas em portais eletrônicos. Tivemos como objetivo central analisar a discursivização da mulher-mãe, a partir do conceito de genérico discursivo e também observar se as manchetes analisadas produzem efeitos que podem ser compreendidos como elementos indiciários de que A mulher, enquanto conjunto, não existe. A análise indicou que as notícias constituem-se como acontecimentos que fogem ao discurso vigente e colocam-se como indícios a serem observados, por apontarem para um deslocamento na contemporaneidade. Esse processo ratifica a existência do grupo das mulheres-mães, mas ao mesmo tempo indica um furo nesse grupo pretensamente homogêneo.

Palavras-chave: mulher-mãe; infanticídio; análise do discurso; genéricos discursivos; psicanálise lacaniana.

“Women throws son away in the trash can”: infanticide mother-woman on media

Abstract

This article arises from a concern about the sayings about woman as regards her societal role of mother. Based on the articulation of Discourse Analysis and lacanian psychoanalysis, our research corpus was composed of headlines about abandonment and infanticide conveyed on news online homepages. Our main objective was to analyze the discursivization about mother-woman, based on the concept of discursive generics, and to observe if the analyzed headlines produce effects that may be understood as index elements that The woman, as a group, does not exist. Analysis highlighted that news are events that are beyond the current discourses and are index to be observed, since they point to a shift in contemporaneity. This process confirms the existence of the group mothers-women, at the same time as it marks a puncture in this allegedly homogenous group.

Keywords: mother-woman; infanticide; discourse analysis; discourse generics; lacanian psychoanalysis.

Este trabalho parte de uma inquietação acerca dos dizeres que vêm se constituindo na mídia sobre a mulher em seu papel relacionado à maternidade. Toma como ponto de partida o estranhamento de notícias que passaram a ocupar espaço na mídia acerca de infanticídios e/ou abandonos praticados por mulheres em relação a seus filhos recém-nascidos. Compreendemos que essas notícias são estranhadas pelo público leitor, sobretudo por estarem ancoradas em um pré-construído acerca da maternidade. Entendemos ainda que a mídia configura-se como um ambiente privilegiado para pensar os discursos na contemporaneidade, uma vez que, ao relatar um acontecimento, constrói uma representação que toma lugar da/na realidade (CHARAUDEAU, 2006). Assim, o material sobre a mulher produzido pela mídia coloca-se como elemento indiciário (TFOUNI, L., 1992, 2004) para se pensar o discurso sobre a mulher-mãe que circula na sociedade como um todo.

Tomamos como base teórica duas áreas do conhecimento que trabalham com a linguagem: a Análise do Discurso (PÊCHEUX, 2008, 2009) e a psicanálise lacaniana (LACAN, 2008). As duas áreas mencionadas nos permitem observar o discurso sobre a mulher-mãe produzido pela mídia, a partir do conceito de genérico discursivo (TFOUNI, L., 2004, 2005), entendido como discursos que produzem “fórmulas” para caracterizar

um grupo, à maneira do silogismo, de forma a torná-los universais, e também compreender o que foge a essa lógica universal, por meio dos postulados da psicanálise.

Dentre as várias possibilidades de se trabalhar com o discurso sobre a mulher, este trabalho propõe a investida no discurso que se constrói sobre a mulher-mãe, binômio considerado universal, uma vez que circula em nossa sociedade o genérico que afirma que “toda mulher é (ou deve ser) mãe”. Tal investigação foi realizada a partir do gênero notícia via mídia nacional, focalizando, explicitamente, notícias divulgadas em portais da internet (no período de 2011 a 2013).

O *corpus* foi constituído essencialmente por notícias que apresentassem acontecimentos que fugissem ao discurso vulgarizado no senso comum sobre o papel da mulher na sociedade, geralmente associado à maternidade, à fragilidade, ao assistencialismo, entre outras características ligadas discursivamente ao feminino em nossa cultura. Assim, escolhemos, pela regularidade com que foram surgindo, 12 (doze) notícias sobre abandono e infanticídio realizados por mulheres em relação a filhos recém-nascidos ou pequenos. A partir desse *corpus* selecionado, optamos pelo trabalho com as manchetes, já que entendemos que elas “resumem” a notícia e se organizam sintaticamente ao modo dos genéricos discursivos.

*Endereço para correspondência: Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati. PR 153, Km 07, Riozinho – Irati, PR – Brasil. CEP: 84500-000. E-mail: kalexandra@yahoo.com.br, lvtfouni@usp.br

Poderíamos nos perguntar se acontecimentos como os mencionados nunca ocorreram e/ou passaram a ocorrer apenas na contemporaneidade. Contudo, a história, e até a literatura – o exemplo mais notável é o de *Medéia*, de Eurípedes (1972) –, nos apontam o contrário (BADINTER, 1985; VENÂNCIO, 2012): sempre houve casos de abandono e infanticídio praticados por mães em relação a seus filhos. Assim, por que isso tem aparecido na mídia com frequência nos últimos anos? Essa é uma das questões que pretendemos tentar responder neste trabalho.

História da mulher: condições de produção para o surgimento de um discurso sobre o feminino e a maternidade

Foucault (2002, 2003), em sua *História da Sexualidade* discorre acerca da separação entre o feminino e o masculino, que organiza também outras dicotomias como: dentro e fora, particular e público. Preceitos tais como a passividade, a submissão, a docilidade, o ambiente doméstico, o cerceamento da sexualidade apenas dentro do casamento e destinada aos fins da procriação foram organizando um discurso em torno da feminilidade. Com o Cristianismo, duas figuras femininas passam a definir um paradoxo já desenhado em torno da figura da mulher: Eva e Maria. Do lado da primeira personagem, “a tradição do Cristianismo radicalizou essa estrutura da feminilidade, na medida em que identificou a figura da mulher com a experiência do pecado, baseando-se para isso no mito da sedução de Adão por Eva” (BIRMAN, 1999, p. 62). Do lado de Maria, assenta-se o ideal de maternidade e pureza.

Saberes e discursos produzidos pela Igreja, medicina e demais instituições foram constituindo os discursos sobre a mulher e a maternidade, aliando-a ao privado e a destinando à criação dos filhos. “Da conclusão brilhante de que toda mulher poderia ser mãe, a medicina concluiu, com enorme funcionalismo, que a mulher não poderia ser outra coisa que mãe” (PRIORE, 2009, p. 275).

Ao estudar os momentos fundamentais na construção do feminino, passando pela misoginia do período clássico, que não via na mulher um ser humano completo; para o discurso religioso e demonização da mulher na Idade Média; e para o nascimento de uma organização de discursos em torno das características do feminino e da sua relação com a maternidade, surgida junto com a Modernidade, percebemos a relevância de se destacar um novo paradigma que emerge em meados do século XX, com vistas a repensar o lugar e o papel atribuído ao feminino em nossa sociedade.

Assim, um deslocamento importante na história da mulher é o advento do movimento feminista, afinal, segundo Scott (1992, p. 63), a história das mulheres vem se colocando de maneira visível somente a partir das décadas de 70/80 do século XX, sobretudo depois do advento do movimento feminista. Esse movimento, enquanto acontecimento histórico, coloca-se em um momento em que significativas mudanças, relacionadas ou não a ele, passam a ocorrer e influenciar diretamente na vida das mulheres. O surgimento da pílula anticoncepcional é uma dessas mudanças fundamentais,

uma vez que possibilitou a liberdade sexual das mulheres e colocou a procriação, pelo menos em tese, como um elemento optativo. Essa conquista da ciência permitiu às mulheres uma relativa liberdade em relação a seus corpos, ao exercício da sua sexualidade e, desse modo, a maternidade, pelo menos do ponto de vista médico-biológico, passa a ser uma opção.

Esses dois marcos na história da mulher – o feminismo e a revolução sexual – produziram (e ainda produzem) profundos deslocamentos nas configurações identitárias, práticas comportamentais e discursos em torno do feminino e da maternidade.

Os elementos históricos ligados ao feminino em nossa cultura nos permitem afirmar que a questão do amor materno e a ligação do binômio “mulher-mãe”, é uma construção social. A figura da mulher nem sempre esteve aliada à maternidade, conforme atesta a pesquisa histórica realizada por Badinter (1985) sobre o mito do amor materno, inclusive havia uma desvalorização em torno da maternidade e da maternagem na Antiguidade e na Idade Média, em função da naturalização da “superioridade” masculina. Desse modo, vários estudos históricos apontam que o surgimento e a valorização do amor materno, tal como o temos hoje, é relativamente recente, tendo se constituído desse modo por meio de um conjunto de discursos filosóficos, médicos e políticos cunhados a partir do século XVIII (BADINTER, 1985; ARIÈS, 1981; CHODOROW, 2002). Assim, é apenas na Modernidade que a naturalização do amor materno surge, e que a criança e a mãe passam a ser valorizados na sociedade.

Desse modo, considerando a ameaça trazida pelos altos índices de mortalidade infantil, fruto, segundo aponta Badinter (1985), do próprio descaso em torno dos cuidados com as crianças, a partir de meados do século XIX, as mães foram incumbidas da tarefa de amamentar e, posteriormente, de educar seus filhos, de tal modo que essas funções passam a ser vistas como óbvias e naturais. É a partir daí que o amor materno e a maternidade em si se coloca como unidade, como fator homogêneo que congrega, então, os elementos “mulher” e “mãe”, compondo o binômio “mulher-mãe”.

Contudo, várias pesquisas destacam que o fenômeno da maternidade como dom ou instinto nunca foi universal. Venâncio (2012), em seu texto “Maternidade negada”, aborda a questão do abandono de filhos no período colonial, apontando, inclusive, que abandonar os filhos era uma necessidade de muitas mulheres, tendo em vista as inúmeras dificuldades em assumir e sustentar filhos ilegítimos. Ainda, sobre o modo como isso acontecia, o autor afirma:

Durante o segundo e terceiro século de colonização, surge uma modalidade *selvagem* de abandono. Meninas e meninos com dias ou meses de vida não encontravam abrigo; eram deixados em calçadas, praias e terrenos baldios, conhecendo por berço os monturos, as lixeiras, e tendo por companhia cães, porcos e ratos que perambulavam pelas ruas (VENÂNCIO, 2012, p. 190, grifo do autor).

A forma de resolver esse problema de ordem pública foi a criação da chamada “Roda dos Expostos” ou “Enjeitados”, onde as crianças eram abandonadas de modo “legítimo”, para serem criadas em Casas de Misericórdia ou distribuídas para famílias que desejassem. Desse modo, evitavam-se os crimes morais, tais como o infanticídio. Assim, é possível dizer que “a sociedade acobertava o abandono, principalmente quando ele não adquiria feições selvagens, colocando em risco a vida do bebê” (VENÂNCIO, 2012, p. 194).

O aborto e o infanticídio foram sagazmente combatidos pela Igreja, o que quer dizer que ocorriam com frequência. Por exemplo, o hábito de “afogamento dos filhos” era bastante disseminado no antigo regime (PRIORE, 2009, p. 254-255). O pior crime, apesar da cultura do casamento imposta pela Igreja e pelo Estado, não era ter filhos fora do matrimônio, “mas aquele de ter matado o próprio fruto” (PRIORE, 2009, p. 255): “a valorização da maternidade, a eleição do corpo feminino como pagador de pecados e o culto mariológico solidificaram uma mentalidade de proteção e exaltação da gravidez e da fecundidade da mulher” (PRIORE, 2009, p. 255), na qual o aborto e o infanticídio eram pecados terríveis.

Percebemos nesta breve retrospectiva histórica um maniqueísmo outorgado à construção da maternidade em nossa sociedade: ou se é mãe, dentro dos padrões da Igreja e da mulher condizente com os princípios religiosos e morais; ou não se é mãe, o que implica a negação de todos esses pressupostos imputados à figura da “santa mãezinha”. Essa outra mulher surge, então, pela negação de um padrão imposto e construído socialmente, naturalizado e tomado como única possibilidade para a mulher que pretende se alinhar à maternidade. Assim, a posição mulher-mãe, que trazemos neste trabalho, como lugar discursivo, construído, é composto, historicamente, por esses elementos, apagando as outras possibilidades de se exercer a maternidade. Instalam-se as evidências, a partir de um domínio de memória que organiza dicotomias como mulher e homem, público e privado, dominante e dominado.

A mulher é o outro: contribuições da psicanálise

Para se pensar a condição das mulheres e a relação com a maternidade, trazemos alguns pressupostos psicanalíticos que podem nos lançar algumas luzes. Em primeiro lugar, é preciso considerar que a psicanálise abre uma fenda no mundo racional, masculino e antropocêntrico: não se trata mais do sujeito cartesiano, dono de si, mas de um sujeito a despeito do homem, que surge pela via do inconsciente.

Considerando essa relação com o sujeito da racionalidade, ao qual a psicanálise se opõe ao inserir o sujeito do inconsciente, nas palavras de Lacan (2008, p. 87), “a mulher é aquilo que tem relação com esse Outro, [de modo que] nada se pode dizer da mulher”. Assim, o feminino aparece como um não-saber, um enigma a ser desvendado, um fora-do-conjunto homogêneo.

Tal compreensão da feminilidade como uma posição a ser assumida perante a regra, perante a noção de conjunto, será fundamental para compreendermos os discursos que organizam os enunciados que tomamos como *corpus* nesta pesquisa, uma vez que eles materializam o que está fora da regra.

Lacan (2008) postula a fórmula “A mulher não existe”, afirmando que não há um significante que designe esse conjunto geral que seria “A mulher”: “A mulher, isto só pode se escrever barrando-se o A. Não há *A mulher*, artigo definido para designar o universal” (LACAN, 2008, p. 79, grifo do autor). Elas existem apenas na singularidade, já que “as mulheres se organizam como não-todas na função fálica” (LAURENT, 2006, p. 2). Nas palavras de Lacan (2008, p. 78-79): “quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica”. O “A” barrado da fórmula “A mulher” indica que não há inscrição possível para ela. Esse significante é algo do nível do não-simbolizável, se o falo é o significante do masculino, do homem, não há significante que designe “A mulher”.

Na discussão das fórmulas da sexuação, Lacan (2008) afirma que toda declaração universal está assentada na ex-sistência¹ de uma exceção que confirma a regra. As fórmulas da sexuação são apresentadas do seguinte modo:

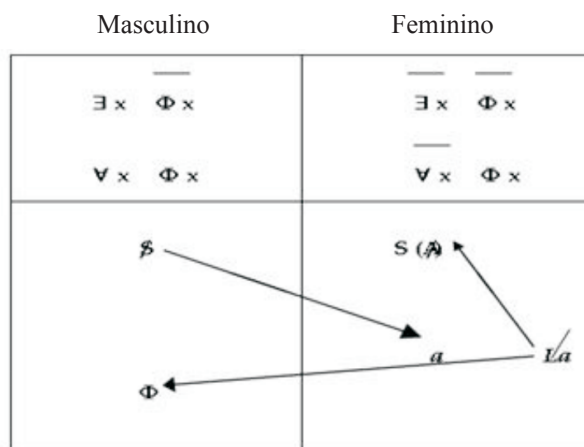


Figura retirada do Seminário 20, de Lacan (2008, p. 84).

Do lado masculino, há uma exceção que funda o conjunto dos homens, ou seja, existe um exemplar que não está submetido à castração, representado pela fórmula: $\exists x \overline{\Phi x}$. Esse elemento de exceção ao grupo é o pai da horda primeva, apresentado por Freud (1913/1974) em *Totem e Tabu*, único homem mítico a ter acesso a todas as mulheres. O pai da horda primeva é a exceção ao grupo dos homens, é “ao menos um” que não está submetido à lógica fálica. A fórmula abaixo, do lado masculino, indica que é pela função fálica que o homem, no todo, se inscreve.

¹ Conforme Fink (1998), a palavra “ex-sistência” foi apresentada primeiramente por Heidegger, como uma tradução para o termo grego *ekstasis* e o termo alemão *Ekstase*. “A raiz do significado do termo em grego é ‘ficar do lado de fora de’ ou ‘ficar a parte de’ alguma coisa” (FINK, 1998, p. 151). A expressão, em Lacan, pode ser compreendida como uma existência separada que insiste do lado de fora, algo fora do conjunto, mas que mesmo assim permanece existente.

Quanto ao lado direito, das mulheres, não há exceção: todas estão submetidas à lógica fálica, ou seja, não há uma que não esteja submetida à castração, o que é descrito pela fórmula: $\overline{\exists x} \Phi x$. Contudo, as mulheres não se organizam totalmente na função fálica, pelo mesmo e paradoxal motivo, afinal não há exceção que as funde enquanto conjunto, e isso se materializa na fórmula: $\overline{\forall x} \Phi x$. Assim, podemos dizer, juntamente com Freud e Lacan, que as mulheres se inscrevem na partilha dos sexos pela castração, entretanto só podem ser tomadas individualmente, pois o conjunto “A mulher”, não existe.

Essa relação entre o universal e o particular nos é muito cara para pensar a organização dos conjuntos: o homem e a mulher são fundamentais na relação que este trabalho se propõe a observar com o discurso midiático que traz a exceção do grupo “A mulher”, como se ele existisse. Vejamos, se as mulheres não fazem unidade, conforme atestam as fórmulas da sexualização, como é possível apresentar a exceção: “mulher joga filho na lixeira”? Coloca-se aí algo da ordem do impossível, o efeito de homogeneização que a mídia produz assenta-se em uma evidência produzida imaginariamente pelas contingências que a própria história da mulher organiza.

Perspectiva metodológica

A fim de poder organizar as perspectivas teóricas que tomamos como base, trazemos neste momento uma breve apresentação do que Ginzburg (1989) chamou de paradigma indiciário, método que congrega a especificidade deste trabalho ao articular a Análise do Discurso e a psicanálise.

Conforme Ginzburg (1989) e Tfouni, L. (1992), o paradigma indiciário, surgido no séc. XIX, contrapõe-se à epistemologia positivista, que aponta para a generalização, objetividade e quantificação, trazendo para o campo das pesquisas a singularidade. Tal paradigma engloba disciplinas como a psicanálise, a historiografia e, podemos dizer, também a Análise do Discurso. Caracteriza-se como uma:

[...] proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, “baixos”, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano (GINZBURG, 1989, p. 149-150).

Tomando por base essa perspectiva, podemos dizer que o dado em Análise do Discurso (doravante AD) e em psicanálise se realiza a partir de indícios apontados em marcas linguísticas que se voltam ao processo discursivo, recortados e interpretados através do analista, que sempre trabalha no batimento entre descrição e interpretação (ORLANDI, 2007) – instâncias que se colocam de forma complementar. Desse modo, a análise não se dissocia da teoria e a interpretação ocorre desde a seleção e a delimitação do *corpus* até o fechamento da análise.

Michel Pêcheux (PÊCHEUX; FUCHS, 2014), preceptor da AD, ao distanciar-se da teoria da comunicação, conceitua seu objeto de estudo como efeito de sentido entre locutores, e não simples transmissão

de informação de um ponto A para B. Além disso, é preciso considerar que “O processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio” (PÊCHEUX, 2014, p. 76). Dessa forma, podemos compreender discurso como “processo”, como a língua em funcionamento, uso: “o discurso é onde se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 17).

O conceito de discurso precisa sempre ser referenciado, portanto, na relação com sua exterioridade ou condições de produção (CP), uma vez que, conforme Pêcheux (2014, p. 78, grifo do autor), “*é impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção [...]”. Essas designam inicialmente os sujeitos e o contexto imediato de produção discursiva, contudo, as “circunstâncias” de um discurso compreendem mais do que apenas o contexto imediato e os sujeitos. Segundo Orlandi (2007, p. 30), a memória (ou interdiscurso) também faz parte, bem como o contexto sócio-histórico e ideológico.

A noção de sujeito da AD passa pela ideia de assujeitamento, uma vez que considera que todo sujeito é interpelado pela ideologia e pelo inconsciente. Contudo, isso não quer dizer que essa interpelação ideológica que produz o efeito-sujeito se dê sem falhas, algo sempre escapa a essa interpelação e é precisamente isso que produz os deslizamentos de sentido e a concepção de um sujeito dividido, engendrado pela psicanálise.

Essa noção é particularmente importante para este trabalho na medida em que entendemos que as formulações das manchetes que tomamos como *corpus* e que trazem um efeito de sujeito assujeitado por uma posição dada – a de mulher e, por consequência, a de mãe – nunca se dá sem falhas, nunca se dá sem a consideração do contra exemplo, do elemento fora do conjunto que se coloca como sujeito dessas afirmações, ainda que sem um significante que o designe, a não ser sob a forma da negativa (a “não-mãe”; a “não-mulher”).

Outro conceito importante e que se alinha aos pressupostos da AD é o de genérico discursivo. O termo foi apresentado inicialmente por Tfouni, L. (2004, 2005) a partir da noção de pré-construído e interdiscurso de Pêcheux (2009), tendo em vista a análise de narrativas e outras materialidades em que a argumentação se colocava a partir de provérbios, máximas, pequenas frases que produziam efeitos de naturalização/universalização, de tal modo que se sentiu a necessidade de pensar em um conceito mais específico para dar conta do funcionamento desses enunciados. Assim, os genéricos discursivos podem ser compreendidos como fórmulas fixas que tendem a incluir algo particular e torná-lo genérico, universal. Conforme caracterização de Tfouni, L. (2004, p. 79): “Trata-se de provérbios, *slogans*, máximas, rezas, ‘fórmulas encapsuladas’ (conforme Lemos, 1984), resumos historicamente constituídos de experiências e atividades do homem sobre o (no) mundo. [... os

genéricos discursivos] codificam valores e crenças”. A autora ainda afirma que o genérico discursivo “tem o poder de apagar as marcas da enunciação, dando a ilusão da objetividade e de verdades completas” (TFOUNI, L., 2004, p. 78), proporcionando um fechamento à interpretação, postulando um sentido único (TFOUNI, F.; TFOUNI, L., 2007, p. 298).

O genérico funciona a partir de uma estrutura sintática que organiza um processo silogístico. Desse modo, ao juntar duas premissas tais como: Toda mulher é mãe + toda mãe tem instinto maternal, temos: “toda mulher tem instinto maternal”.

Podemos falar, portanto, que os genéricos são uma especificidade que pode ser depreendida da noção de pré-construído de Pêcheux (2009), conceito proposto na verdade por P. Henry (apud PÊCHEUX, 2009, p. 89), na medida em que este se organiza sob a forma de uma evidência. O pré-construído pode ser entendido como “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado.

Tendo apresentado algumas noções conceituais fundamentais para a análise que trataremos, passamos à caracterização do *corpus* da pesquisa. O *corpus* desta pesquisa partiu de uma seleção que se organizou em torno de um “acontecimento”, no sentido discursivo (PÊCHEUX, 2008) que começou a se propagar no ano de 2006, a partir da notícia de um bebê encontrado na Lagoa da Pampulha, no município de Belo Horizonte, Minas Gerais. O episódio, que ganhou proporções descomuns na mídia televisiva e imprensa, detonou uma série de notícias que passaram a ser divulgadas, mais ou menos com o mesmo conteúdo.

O *corpus* de análise foi delimitado por meio do recorte de alguns textos midiáticos do gênero notícia, divulgados entre 2010 e 2013, em portais na internet, sejam eles: *Portal R7.com*, *O Estadão*, *GI- Globo*, *Folha.com*, *Terra* e *Uol*. Esses portais foram escolhidos em função de sua popularidade, por serem os mais acessados e, portanto, terem mais potencial de divulgação de notícias, entretanto, esses portais também levaram ao encontro de notícias divulgadas em outros ambientes menos acessados – versões online de jornais regionais –, mas que traziam notícias bastante representativas do acontecimento discursivo que estávamos procurando mapear. Desse modo, as notícias selecionadas partiram das seguintes fontes: quatro do portal R7; duas do portal GI; uma do Uol; uma do Terra; uma da versão online do Estadão; uma do *Branotícias*; uma do *Meio Norte*; e uma do *Tribuna Hoje*.

Análise

Inicialmente começamos a observar as regularidades no que se refere aos elementos constituintes dos enunciados tomados em análise. A primeira regularidade observada é que a posição-sujeito, ou lugar de tópico, dos enunciados, é ocupada prioritariamente pelas palavras “mulher” ou “mãe”. Vejamos as 12 manchetes:

- 1) Estudante dá à luz e joga bebê na lixeira de prédio no Rio (VALOTA, 2010).
- 2) Mãe que abandonou criança em lixeira já teria tentado afogar bebê (MÃE..., 2011)
- 3) Mulher que abandonou o bebê no lixo, tem ao todo dez filhos²
- 4) “Ela não tem sentimento”, diz delegada sobre mulher que deixou bebê em carro (ALBURQUERQUE, 2012)
- 5) Mulher joga filhos de 4 e 7 anos do 15º andar e alega que estava de saco cheio das crianças (MOURA, 2012)
- 6) Mulher deixa filho morrer enquanto ficou na internet batendo papo (MULHER..., 2012)
- 7) Mãe foi quem matou a tesouradas e jogou filho recém-nascido no lixão, diz polícia³
- 8) Mãe joga recém-nascido pela janela e bebê morre no RN, segundo a polícia (BARBOSA, 2012)
- 9) Delegado diz que mãe confessou ter cortado filho ao meio no Piauí (ARAÚJO, 2012)
- 10) Cachorro devora bebê recém-nascido em Guarapuava (CACHORRO..., 2013)
- 11) RO: irritada com choro, mulher mata e joga a filha em caixa d’água (RO..., 2013)
- 12) Ela atrapalhava minha vida, diz adolescente que confessou ter matado a filha a pedradas em Alagoas (ELA..., 2013)

As manchetes em que o tópico é “mãe”, são as seguintes: (2) “Mãe que abandonou criança em lixeira já teria tentado afogar bebê”; (7) “Mãe foi quem matou a tesouradas e jogou filho recém-nascido no lixão, diz polícia”; (8) “Mãe joga recém-nascido pela janela e bebê morre no RN, segundo a polícia” e (9) (Delegado diz que) **mãe** confessou ter cortado filho ao meio no Piauí.

A maioria das manchetes, entretanto, é topicalizada pela palavra “mulher”, vejamos: (3) “**Mulher** que abandonou o bebê no lixo, tem ao todo dez filhos”; (4) ““Ela não tem sentimento”, diz delegada sobre **mulher** que deixou bebê em carro”; (5) “Mulher joga filhos de 4 e 7 anos do 15º andar e alega que estava de saco cheio das crianças”; e (6) “**Mulher** deixa filho morrer enquanto ficou na internet batendo papo”.

Partindo dos pressupostos da AD, sabemos que nossas “escolhas” linguísticas nunca são aleatórias. Nesse sentido, poderíamos compreender essa opção a partir do efeito, produzido pela ideologia, acerca da palavra “mãe”. A esse respeito, Priore (2009) assenta importantes apontamentos no que se refere à construção histórica da “santa mãezinha”. Esses elementos construídos socialmente em torno do papel da maternidade constituem nossa memória discursiva, que é acionada pelo elemento linguístico “mãe”. Isso explicaria o fato de que alguém que mata o seu próprio filho não poderia ser chamado de “mãe”, mas de “mulher”, apenas. Neste caso, de certa forma, apaga-se a naturalização da colagem dos termos: o argumento biológico parece não bastar para caracterizar uma mãe.

²Artigo consultado durante a pesquisa e indisponível na internet atualmente.

³Artigo consultado durante a pesquisa e indisponível na internet atualmente.

Por outro lado, podemos observar de um modo geral nos enunciados um efeito de apagamento de que nem toda a mulher é mãe, a partir da colagem dos significantes mulher-mãe. No enunciado da manchete 6, por exemplo: “Mulher deixa filho morrer”, apesar de não haver nenhum elemento linguístico que efetivamente comprove essa relação, compreende-se como se a forma fosse esta, com o pronome possessivo: “Mulher deixa **seu** filho morrer. Torna-se “óbvio” que o filho é dela, e que, portanto, ela é mãe, por efeito da ideologia.

Dentro da relação parafrástica que se organiza entre as palavras “mãe” e “mulher”, a escolha lexical por mulher, e não por mãe possibilita algumas interpretações. Poderíamos pensar em uma equivalência de sentidos (são tidos como sinônimos pela mídia) ou existe um discurso que recupera o dito sobre a ideia de que toda mulher é mãe. Poderíamos ponderar ainda outra possibilidade: a palavra “mulher” é utilizada em oposição à palavra “mãe”, recuperando a ideia discutida anteriormente.

Dentro dessa regularidade da utilização dos termos “mãe” e “mulher” para ocupar a posição-sujeito dos enunciados, encontramos alguns elementos de dispersão, que configuram a deriva a que o *corpus* está submetido: Em 1: “Estudante dá à luz e joga bebê na lixeira de prédio no Rio” e 12: “Ela atrapalhava minha vida, diz adolescente que confessou ter matado a filha a pedradas em Alagoas”, temos dois elementos- “estudante” e “adolescente” dentro do conjunto mulher-mãe, que diferenciam e até produzem um efeito de justificação do ato cometido pela informação subentendida de que as mães assassinas, nesse caso, não são adultas. O primeiro enunciado, em que o sujeito é a “estudante”, na verdade, se tomado literalmente, não carrega um significado relacionado à idade, já que uma estudante pode ter qualquer idade. Entretanto, desconsidera-se essa informação, a partir do apagamento das outras possibilidades de elementos linguísticos que poderiam estar nesse lugar. O outro enunciado traz uma metáfora possível para produzir esse mesmo efeito, mas agora enfatizando uma categoria realmente ligada à idade, ao usar a palavra “adolescente”.

A deriva efetiva-se na manchete número 10, que produz um efeito de estranhamento ao trazer como tópico a palavra “cachorro”: “Cachorro devora bebê recém-nascido em Guarapuava”. Esse elemento muito provavelmente não apareceria em uma cadeia metafórica tal como a que englobaria as palavras mulher/mãe/menina/adolescente/estudante. Em orações cujas vozes verbais são ativas e pressupõem ações desenvolvidas por seres racionais, aparece um elemento não esperado. Além disso, no geral, os enunciados trazem verbos transitivos diretos cujo paciente é também uma regularidade: criança/ bebê/recém-nascido.

O efeito metafórico é, segundo Pêcheux (2014, p. 96), em AAD-69 “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que este ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y; [...]”. Nessa lista que fizemos de posições de sujeito, temos uma cadeia metafórica composta por mulher, mãe, estudante, adolescente e cachorro.

Esse estranhamento causado pelo uso da palavra “cachorro” pode ser compreendido à medida que buscamos em nossa memória discursiva a utilização desse termo. “Cachorro”, no masculino, recuperado como melhor amigo do homem, aparece nesta utilização cometendo um ato não esperado: comer uma criança, de tal modo que o efeito de estranhamento se dá pelo objeto do verbo comer. Por outro lado, para comer, alguém precisa ter colocado esse objeto - a criança - no lugar de ser reconhecido como objeto, comida, dejetivo, lixo. Se ele comeu, como animal não humano, portanto irracional, o fez porque um animal humano não cumpriu seu papel. Desse modo, o que se coloca em pauta não é o ato cometido pelo cachorro, mas cometido pela mulher que não assumiu seu papel de mãe. Ancorada nos genéricos relacionados à maternidade, que torna “obrigatório” a toda mulher colocar-se também como mãe, a mídia produz sentido naturalizado tanto em relação à obrigatoriedade de toda mulher ser mãe, quanto em relação àquela que já o é de encarnar os pressupostos aliados à maternidade e, portanto, não matar o próprio filho.

Saindo agora dos tópicos e passando aos comentários que compõem os enunciados analisados, devemos considerar outra regularidade: o elemento verbal traz, na maioria das vezes, núcleos com verbos como: “joga”, “mata” ou “diz”. Nos que trazem “joga” e “mata” (separadamente ou juntos, em uma mesma frase), os verbos produzem o efeito de horror em relação aos agentes dessas ações, e a consideração desses elementos como fora-do-conjunto, tudo isso amparado no interdiscurso, em nossa memória discursiva que se constitui de tudo que circula sobre a maternidade e a relação das mães com seus filhos. Assim, o uso dos verbos “joga” ou “mata”, tendo como objetos “filhos” ou “criança” é que produz o estranhamento, pois não são considerados possíveis: mais uma vez, é a língua tocando a exterioridade, as contingências dadas pela sociedade.

As manchetes que trazem a palavra “diz” como núcleo da oração principal (sintaticamente falando) organizam-se diferentemente, colocando uma das informações principais (semanticamente falando, agora) através de discurso direto ou indireto: (4) “‘Ela não tem sentimento’, diz delegada sobre mulher que deixou bebê em carro”; (9) “Delegado diz que mãe confessou ter cortado filho ao meio no Piauí”; e (12) “Ela atrapalhava minha vida, diz adolescente que confessou ter matado a filha a pedradas em Alagoas”.

Na primeira manchete: “‘Ela não tem sentimento’, diz delegada sobre mulher que deixou bebê em carro”, a estrutura que aparece como tópico no período é a fala da delegada, aspeada, que se destaca em relação ao conteúdo principal “mulher que deixou bebê em carro”. Na segunda manchete (número 9), com o discurso indireto, a posição de tópico é ocupada pela palavra “delegado”, então a importância está nessa figura que faz uma afirmação acerca daquilo que se noticia. Há vários efeitos possíveis a partir desse recurso retórico: o distanciamento em relação ao noticiado, tendo em vista seu conteúdo considerado socialmente absurdo e

horrível: mãe que cortou filho ao meio; e também o efeito de neutralidade, objetividade e de verdade postulado dos pressupostos do jornalismo.

O enunciado (manchete número 12): “Ela atrapalhava minha vida, diz adolescente que confessou ter matado a filha a pedradas em Alagoas” traz uma estrutura sintática um pouco diferente. O objeto direto da oração principal – “diz adolescente” – é colocado como tópico. Se fôssemos reorganizar a oração em estrutura tradicional e discurso indireto, teríamos o seguinte: “Adolescente diz (que) ela atrapalhava minha vida”. O que se topicaliza, então, é a fala da adolescente, enquanto a oração final (subordinada adjetiva restritiva), que retoma o tópico da segunda oração “adolescente” (“que confessou ter matado a filha a pedradas em Alagoas”) é trazida no fim. O efeito que causa o uso dessa estrutura é a necessidade de se colocar a fala (inaceitável) da adolescente primeiro, numa tentativa de preparar o leitor para a informação principal, que é o ato por ela cometido.

O único aspecto que depõe a favor da pessoa a quem se refere a notícia é o uso da palavra “adolescente”. Com ela, coloca-se também a ideia de infância na própria mãe, que é diferente das demais mulheres. Inclusive, pela lei, ela precisa de certos cuidados e tem diferente forma de punição. A mídia não destaca esse processo, mas o considera ao fazer a escolha lexical com base na idade da mãe.

A sequência discursiva 8, por sua vez, “Mãe joga recém-nascido pela janela e bebê morre no RN, segundo a polícia”, aponta-nos dois efeitos diferentes, considerando o modo como se estrutura sintaticamente. Primeiramente, é preciso considerar que, diferente dos outros enunciados em que a ação da mãe/mulher coloca-se imediatamente como causa da morte do bebê, aqui, embora esse efeito seja possível, ele não é óbvio, o que podemos observar pela necessidade de complementação da informação, com a segunda oração coordenada, unida pela conjunção aditiva “e”: “e bebê morre no RN”. Temos a partir dessa estrutura a consideração de que o fato de a mãe ter jogado o bebê pela janela não implicaria, necessariamente, sua morte, de modo que é preciso explicitá-la, para que, então, a causa se coloque como óbvia, embora essa relação não apareça explicitamente no período (bebê morre em decorrência de ter sido jogado pela janela pela mãe).

Após esse levantamento das regularidades e dispersões que aparecem em destaque no *corpus* desta pesquisa, apresentamos algumas categorias de análise que foram balizando os caminhos do nosso gesto de interpretação. São elas: a questão do universal e do particular, a questão do natural versus o não natural, que leva à composição da palavra “desnaturadas” e à relação público versus privado.

No que se refere ao universal versus o particular, podemos dizer que a palavra “mãe” é que possibilita o efeito de horror perante os predicados verbais: “joga filho recém-nascido...”; “mata a tesouradas”, entre outros. Isso porque esse elemento linguístico apoia-se em um pré-construído sobre a maternidade, afinal tudo o que circula discursivamente sobre mãe em nossa sociedade e que poderia ocupar o lugar de predicação nesse enunciado

é bastante distante do que efetivamente se apresenta. A palavra mãe está ligada a boas ações, amor, cuidado, dedicação, expressões essas que repousam em genéricos, tais como: “ser mãe é padecer no paraíso”, “em coração de mãe sempre cabe mais um” “amor, só de mãe”, entre outros elementos discursivos que se colocam como verdades universais a partir da história e da ideologia.

Na segunda notícia, temos, no enunciado principal, uma oração restritiva caracterizando o significante “mãe”, trata-se da (grife-se aí a determinação implícita) “mãe que já abandonou filho em lixeira”, retomando um acontecimento de conhecimento do público leitor. Na sequência, o advérbio de tempo “já” liga o sujeito à oração principal: “teria tentado afogar o bebê”. Mais uma vez, trata-se de um exemplar: uma mãe fora do conjunto preconizado pelo genérico. Essa mulher, já conhecida pelo público leitor, caracterizada como uma mãe específica: “mãe que abandonou criança” diferencia-se do conjunto de mulheres-mães que podemos recuperar em nossa memória discursiva (interdiscurso) e que se materializa no que chamamos de genéricos.

O efeito de verdade e de neutralidade das manchetes encontra respaldo nos genéricos (todo mundo sabe que...), apontando para fatos, acontecimentos reais, produzindo um efeito de apagamento das condições que levaram essas mulheres a realizar tais atos, apoiando-se apenas nos genéricos que afirmam que nenhuma mãe, ou seja, todo sujeito incluído nesse grupo, seria capaz de tais atitudes de atrocidade.

Por outro lado, o fato de ser possível dizer algo (horrível!) como o que é dito nessas notícias, indicia uma possibilidade, um furo no grupo de todas as mulheres e mães, um “menos-um”, algo que não permite que a unidade se perpetue, indiciando a falta, o furo.

Em seu texto “O Aturdido”, Lacan (1973/2003, p. 450) afirma que “não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue”: a condição de existência do todo é a exceção. Assim, o que funda o conjunto dos homens é essa exceção, e, portanto, a mulher (a + 1). Do mesmo modo podemos compreender que o conjunto das mães é fundado por uma exceção, daquilo que está fora desse conjunto e, por isso mesmo, o regulamenta.

Desse modo, paradoxalmente, o efeito de verdade e objetividade pretende recobrir a falta, presente na própria língua(gem) que não dá conta de nomear sujeitos como essas mulheres, se não em contraposição ao conjunto (supostamente homogêneo) de mães, com todos os predicativos que lhe são devidos e perpetuados histórica, social e culturalmente. Considerar que todas as mulheres estariam abarcadas no efeito ideológico que as liga à maternidade, do qual faria parte a prerrogativa de desenvolver a função materna, é tomá-las enquanto grupo, considerando, portanto, a existência de “A mulher”. As manchetes que analisamos trazem a exceção, contudo o que é exceção (menos-um) apoia-se em uma noção de conjunto, própria da organização dos genéricos. Desse modo, podemos perceber o efeito paradoxal: ao mesmo

tempo em que o apoio nos genéricos reproduz a lógica do grupo, do geral; o específico aparece, como fenda dentro da homogeneidade.

Todos os genéricos que sustentam o discurso produzido nas notícias analisadas acima são oriundos de um projeto, nascido, segundo Priore (2009), no Brasil no período colonial, de adestramento das mulheres brasileiras a um padrão ideal, sustentado pela igreja: “mulher que deveria ser casada, mãe, afeita à domesticidade, à piedade religiosa, preocupada em consolidar a família” (PRIORE, 2009, p. 73).

Lacan (2008), ao postular que “A mulher” não existe e também ao apresentar sua teoria da sexuação, permite-nos uma leitura diferente em relação a essa homogeneização do destino feminino e da própria constituição psíquica da mulher, entendida não como destino biológico inevitável, mas como posição no discurso a ser assumida.

Se tomamos as fórmulas da sexuação apresentadas pelo autor (LACAN, 2008), percebemos que o universal é um impossível, tendo em vista que sempre se funda na exceção. Considerando que, do lado feminino, não há a exceção, temos um problema, um furo na ordem do simbólico. O efeito de universalidade, entretanto, é naturalizado pela mídia nas manchetes analisadas. Com base no pré-construído sobre a mulher e a maternidade, o impossível das fórmulas da sexuação faz-se produto, evidência sustentada pelos genéricos.

A partir dessa afirmação, podemos pensar na relação naturalizada entre a mulher e a maternidade. Tudo se dá pelo fato de tomarmos como pressuposto, óbvio, evidente que toda mulher é ou deveria ser (ou ao menos querer ser) mãe, afinal ela já possui todos os artifícios biológicos para tal. Ocorre que o natural, tomado literalmente enquanto algo dado pela natureza, confunde-se e esbarra constantemente no social. Desse modo, certas formas de agir socialmente se tornam também naturais, e isso está na base da compreensão de como deve proceder uma mulher, sendo mãe. A ideologia atua nesse sentido, como sabemos, na produção de evidências (PÊCHEUX, 2009), legitimando esse efeito normatizador que ampara duas generalizações: 1) toda mulher deve ser mãe; 2) uma vez que uma mulher seja mãe, ela deverá tudo fazer pelo filho, sendo incapaz de matá-lo.

É por conta dessas naturalizações que o óbvio se produz e os pontos de estabilização dos sentidos definem o que é discursivamente esperado ou não. Tendo em vista esses apontamentos, enunciados como o descrito a seguir organizam-se de modo a explicar o estranhamento quando o natural/ o estabilizado não ocorre:

7) **Mãe** foi quem matou a tesouradas e jogou filho recém-nascido no lixão, diz polícia

A organização sintática desse enunciado se dá de forma a organizar discursivamente uma quebra de expectativa. O emprego da oração adjetiva restritiva comprova essa afirmação. É preciso adjetivar e restringir essa mãe, que não é aquela recuperada pela nossa memória discursiva. O que temos no enunciado como dado, no lugar de pré-construído, é tudo que se afirma sobre a maternidade,

lugar de estabilização dos sentidos. A oração adjetiva restritiva apresenta o novo, tomando como base esse pré-construído que se organiza nos genéricos. Isso pode ser percebido na manchete quando a expressão “foi quem” nominaliza esse lugar fora do estabilizado, produzindo um efeito de surpresa, estranhamento.

Assim, os casos apresentados assentam-se em uma dicotomia entre aquilo que é natural e o que, ao contrário, coloca-se como não-natural. Daí resultam expressões como “desnaturadas” como meio de adjetivar essas mulheres incapazes de aliar-se à natureza, tal como preconiza o genérico acerca do feminino e da maternidade.

O último tópico da nossa análise, a noção de público e privado, na verdade recupera todos os outros elementos elencados, colocando-se tangencialmente. Quando passamos do singular para o universal, conforme discutimos anteriormente, estamos também passando do privado para o público e é nesse sentido que a mídia tem um papel fundamental. Se tomarmos novamente o mecanismo da roda dos enfeitados, temos ali um modo de manter no aspecto privado aquilo que se repudia publicamente. Se partimos da premissa de que mulheres sempre abandonaram ou mataram seus filhos (afirmação que podemos fazer com base no retrospecto histórico sobre o feminino e a maternidade), podemos também afirmar que o estranhamento de notícias como as das manchetes que trouxemos como *corpus* deste trabalho indiciam que tais acontecimentos ficavam na esfera privada.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi investigar o discurso produzido pela mídia eletrônica sobre a mulher-mãe em casos de abandono e infanticídio de filhos pequenos, por meio de manchetes de notícias, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da AD de linha francesa e da psicanálise lacaniana. Articulamos conceitualmente a noção de genéricos discursivos e o axioma lacaniano “A mulher” (enquanto conjunto) “não existe”.

A análise das manchetes nos permitiu a compreensão de que os discursos que se organizam nesses enunciados apoiam-se nos genéricos para afirmar o menos-um, a exceção do conjunto. Desse modo, produzem seus dizeres, e eles fazem sentido, causam o(s) efeito(s) que causam, porque estão apoiados em fontes discursivas aceitas, regulamentadas. Por outro lado, concluímos que as manchetes não só se fizeram valer dos genéricos como base para a formulação de seus enunciados, como, ao produzi-los, o fizeram à maneira dos genéricos, a partir do mesmo funcionamento.

O (per) curso deste trabalho apontou para alguns caminhos que nos levaram a essas conclusões. Primeiramente, a história da mulher e da maternidade trouxe a recuperação de uma memória que, ao mesmo tempo, desnatura a evidência de que “sempre foi assim”, quando se faz uma leitura discursiva dela, mas ao mesmo tempo justifica a evidência do conjunto, da homogeneização. A psicanálise, por sua vez, foi responsável pelo olhar ao singular, ao que escapa às designações e universalizações que o processo linguageiro

é capaz de produzir. Enquanto teoria que interceptou as construções deste trabalho, conduziu o olhar para a mulher como objeto heterogêneo, singular, diferente da homogeneidade da postura fálica. Também possibilitou a consideração do impossível como parte do dizer e dos limites daquilo que se produz discursivamente.

A consideração do papel da mídia possibilitou compreendê-la como um modo de funcionamento discursivo que se coloca como veículo de produção de verdades, objetivação, tamponamento da falta, fechamento à deriva. Para isso, impõe significados ancorados em uma memória social e histórica lida de um só modo. Reproduz a lógica do conjunto: mulher igual mãe; mãe igual amor, cuidado e responsabilidade sobre os filhos.

Todos esses elementos puderam nos mostrar que o real da língua aponta para contradições na ordem do discurso, o que exige uma leitura que vá além da significação inicial. Nesse sentido, a AD possibilitou uma leitura que olhou para além do sentido único, instituído, passando pela deriva e pelas lacunas que a linguagem em seu próprio funcionamento produz.

A análise iniciou pelas regularidades, e um dos elementos importantes nessa relação foi a observação da utilização como tópico dos elementos “mãe” e “mulher”, por vezes colocados como sinônimos (dentro do mesmo conjunto), por vezes tomados como opostos (aquela que é mulher- apenas- não é/não pode ser chamada de mãe). Na observação dos núcleos verbais dos predicados, o estranhamento se deu na relação sintática não esperada entre os verbos “mata”, “joga” tendo como objetos as palavras “filho”, “criança”. O procedimento analítico levou ainda à consideração de alguns elementos que tomaram relevo na leitura das materialidades linguísticas, são eles os efeitos do pré-construído relacionado à palavra “mãe”, que possibilita o efeito de universalidade, ao ser tomado como genérico; a oposição natural versus não natural, que origina o adjetivo “desnaturadas”; e, por fim, a relação entre o público e o privado.

A partir das materialidades discursivas tomadas como *corpus*, a relação com a psicanálise lacaniana nos apontou a possibilidade do furo, do impossível materializar-se na própria língua. O processo produzido discursivamente pelas manchetes e pelas notícias ao trazer o elemento fora do conjunto parece mesmo materializar ou confirmar a tese lacaniana de que “A mulher”, enquanto conjunto não existe, já que produz um efeito duplo: da exceção enquanto algo que não existe, conforme as fórmulas de sexualização; mas também de uma exceção que regulamenta e define o conjunto, apoiando-se nos genéricos sobre a maternidade. Se tudo que faz de uma mulher, mulher, passa pela feminilidade e pela maternidade, o ato de matar um filho a colocaria fora desse conjunto? Cremos que isso não pode ser afirmado, uma vez que essas infanticidas nomeadas nas manchetes continuam a serem chamadas de mulheres, o que configura um impossível pela lógica da premissa: “se mulher, então mãe”. Assim, podemos dizer que tais casos materializam um lugar de

impossibilidade, de vazio discursivo, de modo que é preciso recorrer à regra (o conjunto de mulheres-mães) para poder dar conta de explicitar esse vazio.

Referências

- ALBUQUERQUE, S. “Ela não tem sentimento”, diz delegada sobre mulher que deixou bebê em carro. *R7.com*, 30 mar. 2012. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/noticias/ela-nao-tem-sentimento-diz-delegada-sobre-mulher-que-deixou-bebe-em-carro-20120330.html>>. Acesso em: 18 dez. 2012.
- ARAÚJO, G. Delegado diz que mãe confessou ter cortado filho ao meio no Piauí. *G1*, 23 nov. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2012/11/delegado-diz-que-mae-confessou-ter-cortado-filho-ao-meio-no-piaui.html>>. Acesso em: 18 dez. 2012.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, R. Mãe joga recém-nascido pela janela e bebê morre no RN, segundo a polícia. *G1*, 19 nov. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/11/mae-joga-recem-nascido-pela-janela-e-bebe-morre-no-rn-confirma-policia.html>>. Acesso em: 18 dez. 2012.
- BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- CACHORRO devora bebê recém-nascido em Guarapuava. *CGN*, 15 maio 2013. Disponível em: <<http://cgn.inf.br/noticia/52698/cachorro-devora-bebe-recem-nascido-em-guarapuava>>. Acesso em: 16 maio 2013.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHORODOW, N. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- ELA atrapalhava minha vida, diz adolescente que confessou ter matado a filha a pedradas em Alagoas. *R7.com*, 17 jul. 2013. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/ela-atrapalhava-minha-vida-diz-adolescente-que-confessou-ter-matado-a-filha-a-pedradas-em-alagoas-17072013>>. Acesso em: 30 nov. 2013.
- EURÍPEDES. *Medéia*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- FINK, B. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 7. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2002. v. 3.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 15. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003. v. 1.
- FREUD, S. Totem e Tabu (1913). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 13, p. 13-194. Edição Standard Brasileira.

- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- LACAN, J. O aturdito (1973). In: _____. *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 448-497.
- LACAN, J. *O Seminário: mais, ainda*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. livro 20.
- LAURENT, D. O sujeito e seus parceiros libidinais: do fantasma ao sintoma. *Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, ano 1, n. 2, maio/out. 2006. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_02/traducao.htm>. Acesso em: 7 jul. 2007.
- MÃE que abandonou criança em lixeira já teria tentado afogar bebê. *R7.com*, 25 abr. 2011. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/domingo-espetacular/videos/mae-que-abandonou-crianca-em-lixeira-ja-teria-tentado-afogar-bebe-20102015>>. Acesso em: 30 nov. 2012.
- MOURA, A. Mulher joga filhos de 4 e 7 anos do 15º andar e alega que estava de saco cheio das crianças. *Meionorte.com*. 26 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/noticias/internacional/mulherjoga-filhos-de-4-e-7-anos-do-15-andar-e-alega-que-estava-de-saco-cheio-dascriancas-171366.html>>. Acesso em: 6 jun. 2013.
- MULHER deixa filho morrer enquanto ficou na internet batendo papo. *R7.com*, 29 jun. 2012. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/mulher-deixa-filho-morrer-enquanto-fica-na-internet-batendo-papo-20120629.html>>. Acesso em: 18 dez. 2012.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2009.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F; HAK, T (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p. 59-158.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p. 159-249.
- PRIORE, M. L. M. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009.
- RO: irritada com choro, mulher mata e joga a filha em caixa d'água. *Terra*, 23 maio 2013. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/ro-irritada-com-choro-mulher-mata-e-joga-a-filha-em-caixa-dagua,19d6efffd02de310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 6 jun. 2013.
- SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Soares. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-96.
- TFOUNI, L. V. O dado como indício e a contextualização do (a) pesquisador (a) nos estudos sobre a compreensão da linguagem. *Delta: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 205-223, 1992.
- TFOUNI, L. V. *Letramento e alfabetização*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- TFOUNI, L. V. Letramento e autoria: uma proposta para contornar a questão da dicotomia oral/escrito. *Revista da ANPOLL*, Campinas, v. 18, p. 127-141, 2005. [CrossRef](#).
- TFOUNI, F.E.V.; TFOUNI, L.V. “Entra burro; sai ladrão”: o imaginário sobre a escola materializado nos genéricos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 7, n. 2, p. 293-312, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/366/386>. Acesso em: 22 nov. 2013.
- VALOTA, R. Estudante dá à luz e joga bebê na lixeira de prédio no rio. *Estadão*, São Paulo, 10 jan. 2010. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,estudante-da-a-luz-e-joga-bebe-na-lixeira-de-predio-no-rio,493447>>. Acesso em: 30 nov. 2012.
- VENÂNCIO, R. P. Maternidade negada. In: PRIORE, M. D; PINSKY, C. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 189-222.

Recebido em: 23 de fevereiro de 2015

Aceito em: 16 de junho de 2017